

UM JEEP EM SEGUNDA MÃO

**FERNANDO
DACOSTA**

A SÚPLICA



Grande Prémio de Teatro
RTP



ULMEIRO livraria e distribuidora, lda.

avenida do uruguaí, 11 cave. esq. - tel. 707544 - apartado 4152 - 1504 lisboa codex - portugal

**Obra seleccionada pela Associação Portuguesa
de Escritores no âmbito do Fundo de Apoio à
Edição de Originais Portugueses instituído pela
Fundação Calouste Gulbenkian.**

ULMEIRO—Livraria e Distribuidora, Lda.
Apartado 4152—1504 LISBOA CODEX
Telfs. 71 32 09 — 71 32 40

Colecção BARCA NOVA nº5
Título: UM JEEP EM SEGUNDA MÃO / A SÚPLICA
Autor: FERNANDO DACOSTA
Capa: JOÃO CARLOS ALBERNAZ
Direcção da Colecção: ANTÓNIO JÚLIO VALARINHO
Edição de JOSÉ A. RIBEIRO
1ª Edição: AGOSTO DE 1982
© ULMEIRO E FERNANDO DACOSTA
Composição: Estúdio Gráfico ULMEIRO
Impressão e acabamento: GRÁFICA ÉME SILVA

Desta edição, 200 exemplares são numerados e assinados pelo Autor,
e destinam-se exclusivamente aos assinantes da colecção "BARCA NOVA".

A SÚPLICA

Monólogo de amor e perturbação

Ainda às escuras, o palco e a sala são envolvidos pelas notas de um piano em sonoridade decrescente.

Difusas, luzes negras deixam antever o vulto de uma mulher a tocar, sem recorte.

(Predominarão os grandes planos, mãos, teclas, olhos, copos, retratos. Os ruídos ganham uma presença decisiva na definição do clima — clima pastoso e devastador, de detritos, de sufocação.)

A Mulher, única personagem visível, encontra-se num espaço (talvez saleta de casa sóbria) indefinido como o centro de uma teia decomposta que a todos aprisionou.

Um foco recorta os seus dedos que, de súbito, se imobilizam.

A música ("Nocturno n.º 20" de Chopin, por exemplo) continuará, no entanto, a ouvir-se intacta e envolvente.

(ELA roda sobre o banco. Levanta-se, abre um móvel gira-discos — o piano pára bruscamente — e retira um "long-playing".)

— Desculpem, mas não vos senti entrar. Pensei que estivessem lá dentro, já lá ia... mas fizeram bem, aqui está-se melhor. Neste recanto sinto-me sempre mais protegida, mais tranquila.

E vamos os três, a MÃE, tu, FILHO, e eu, precisar muito de tranquilidade.

Pedi-lhes para virem a esta hora da madrugada, porque não podemos esperar que amanheça. Do hospital avisar-me-ão quando ELE estiver para acordar. O efeito das injeções dura ainda.

O seu estado piorou, o médico diz que muito pouco poderá conseguir enquanto ELE se recusar a viver. Não é uma questão física,

é psicológica, afectiva...

As probabilidades de o salvar dependem de nós, a sua família, os seus amigos. Somos os únicos que poderemos, quando voltar a si, restituir-lhe o apaziguamento de que necessita para sobreviver. A MÃE, tu, FILHO, eu e os mais íntimos temos de estar à sua volta, com o nosso apoio, o nosso amor.

Tudo o que ouviram dizer a seu respeito nos últimos tempos é verdade. Não me olhe dessa maneira, MÃE, é verdade, não adianta fugir-lhe. E tu, FILHO, porque estás tão constrangido?

Desde que se deu o acidente que penso muito no que se passou, nas nossas relações, nas nossas vidas, no significado dos nossos valores.

Há dois dias que não durmo, à sua cabeceira, tentando reagir mais depressa do que ELE para não estar despreve-

nida, para não ter hesitações nos momentos em que fica consciente.

Têm sido horas de perturbação... coisas que nunca pensara tornam-se de repente nítidas e simples.

É difícil o que nos aguarda.

Vamos necessitar de renascer com ELE porque, à nossa maneira, fomos também vítimas do acidente. Temos agora de rastejar dos escombros, de cuidar das feridas, de ficar de novo juntos, mais purificados, mais autênticos. Para que lhe possamos fazer uma transfusão de nós próprios.

O corpo esperará a decisão do seu cérebro durante algum tempo mais mas, se a resposta não vier, parará para sempre.

E a resposta depende de ELE se saber aceite tal como é pelos que ama e por causa de quem se quis destruir.

Quando recuperou a consciência, acariciei-lhe os cabelos, segurei-lhe os dedos e, com eles muito apertados, disse-lhe que tinha orgulho pela sua coragem ao assumir-se...

E disse-lhe que éramos uma família terna e tolerante, que nenhum de nós sentia o mínimo acanhamento pelo que se tinha passado.

Nada mudara, havíamos até de encontrar um convívio mais autêntico e profundo.

Ficou silencioso durante muito tempo. Depois começou a falar. E contou-me tudo: que nos amava sinceramente, mas que outros sentimentos de igual modo autênticos o submergiam.

Lutou contra eles durante muitos anos, iludiu-se com inúmeros artifícios até que...

Foi uma confissão de verdade absoluta, de êxtase libertador. E foi tão fácil compreender as suas palavras, sentir a luz da sua revelação!

Não, não chegou a ser cruel para mim, o seu apelo de